

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

A Sorrir

As mulheres são sempre amáveis. Sempre, é um modo de fallar. Ha philosophos e moralistas, escriptores profanos e sagrados, prophetas esantos, virgens como Santa Iria e Santa Eugenia, matronas romanas e publicistas como Stael, que tem opiniões divergentes no mefifiloso assumpto.

Ha quem faça da mulher uma aureola, e quem a obgetive um lameiro. Ha quem se ajoelhe adorando-a, e quem passe de largo desprezando-a. Ha quem lhe chame um ceo estrellado, e ha quem a apellide um inferno a arder.

Como as auctoridades no assumpto, pró e contra, são da maior ponderação, não podemos nós, commentando, dizer que sim, nem que não.

Antes pelo contrario...

A mulher, realmente, não é ceo nem inferno. É um purgatorio.

Um purgatorio, quando criança, porque faz cabellos brancos á mamã, e rugas na face á criada de salta.

É um purgatorio quando namora, porque põe todas as criadas em movimento, uma rola-viva, a levar e trazer cartas de cinco duzias de namorados, quando tem dinheiro.

É quando o não tem, um purgatorio fazem á criada e ás primas, para que lhe frizem o cabelo, para que lhe acinjam leve o vestido na cintura, para que a inculquem uma prenda rara, boa dona de casa, economica, sem luxo, porque é o que se vê...

Um purgatorio sempre.

Mas, isto que se diz das mulheres, em geral, não se pode dizer especialmente das barcelloenses.

Estas não são purgatorio de ninguém, a não ser o dos leões.

Intelligentes na essencia, como na essencia toda a rosa é cheirosa, as damas barcelloenses são uma especie de passagem, uma ponte de pau por sobre um rio precipitoso, entre o ceo e o inferno.

São a alvorada da Graça, na tarde da graciosidade.

Tiveram as damas gregas o dom da plastica, a belleza suggestionante, cheia de graça e cheia de carieia.

Tiveram as romanas, além da plastica, a iniciativa guerreira, e o dom sublime, precedendo o grande ideal christão, da educação da familia.

As mussulmanas tem a corrente de crystal dos grandes amores e dos grandes sentimentos.

As indianas a subjectiva passividade da alma sofredora e amorante até ao delirio, que as faz

seguir o seu amor até ás linguas das fogueiras e aos abyssos do mar ignoto e baço.

¿E as barcelloenses?

É lucas n'esta sonsa e pacata vida provinciana, não heberam a sua illustração em collegios. Mas, afilalgadas pelos dotes naturaes, tambem não querem ensombrar as mãos nos panos da cozinha, como não libraram o intellecto nos livros da estetica e da moral social.

Inlepen lentas até ao excesso.

¿Desadoram o trabalho?

Não queremos que seja este o seu purgatorio.

Mas, quem pensar maluramente, n'isto de philosophia de mulheres, hade chegar a esta conclusão:

Do que mais trabalham é da lingua.

J. JUNIOR

REALIDADES

«Corria branta a noite... A noite era bella como uma noite de estio, as estrellas scintilavam brilhantes reflectin-lo-se na mansa corrente do rio: era uma noite suggestiva que dava ao espirito uns tons de inlisivel saulade, um mixto de ternura e melancolia, evocando as recordações d'um passado feliz, felicidade desfeita como a miragem.

Alli em baixo, junto ao caes, não se ouviam agora as expressões asperas dos barqueiros e homens do mar; a cida le estava mergulhada n'um silencio gelido e commovedor; a natureza, como dormente, deixava aos tristes e namorados viver idealmente de recordações e de chimeras!

Um sussurro teme como de conspiradores, sussurro que não crescia em enthusiasmo, nem affrouxava até se extinguir, ehegou a meus ouvidos.

Era o sussurro não da brisa infiltrando-se por entre a folhagem, mas o das pombas arrulhando-se docemente, mansamente, em linguagem apaixonada e arrebatadora, em beijos amorosos e commoventes.

Reprimi a respiração: queria ouvir os ternos protestos d'amor infimlo, as apaixonadas juras de dons corações palpitanlo unisonos; queria saber se o amor é um sentimento tão attrahente é tão captivante como eu o idealisava, tão sincero e tão puro como eu o julgava.

Se tinha minhas duvidas relativamente á sinceridade do amor, essas duvidas converteram-se quasi em certeza.

«Ha tanto tempo que a não via, ha dous dias

A LAGRIMA

que lhe pareciam dous seculos, dizia o apaixonado Romeu; o redemoinhar das ruas parecia-lhe danças phantasticas d'espectros que o escarneciam; as aves não tinham canticos, nem as flores aroma, nem a relva poesia, nem a convivencia encantos; sempre triste, sempre só, sempre a soffrer, sempre as lagrimas a assomar-lhe aos olhos; nada o distrahia, nada lhe mostrava o sol da sua felicidade, nada lhe prendia a attenção; só uma cousa sentia—não a ter visto havia dous dias; só uma cousa se lhe deparava—a imagem d'ella; só um espinho o torturava—o receio de que o tivesse esquecido... Não quiz ouvir mais: julgava tristezas de mais para uma noite tão bella.

Retirava-me da janella quando ouvi uma voz argentina responder: tem juizo! Suppões talvez que acredito o que dizes; isso sim, foi tempo em que eu julgava ouro tudo o que luzia... agora nem...

Ha pouco li que se tinha querido suicidar um mancebo de 19 annos. Procurei saber quem era e a causa provavel d'um acto tão desesperado, e cheguei á conclusão de que era nem mais nem menos o mesmo que hontem tão apaixonado se mostrava.

Olhei para a janella da minha visinha e vi-a, n'uma toilette toda garrida a receber nas polpas carmezins dos delos beijos d'uma rola branca como a neve dos Alpes!

Então nem uma lagrima lhe assomava aos olhos como recordação do amor d'esse desgraçado que a amava até ao delirio?

Então o coração da mulher é feito de gelo e as suas palavras exalam a mancenilha?

Então o coração da mulher é um abysmo sem fundo onde cegamente se despenham os incautos?

Então o amor é para a mulher uma simples subjectividade, um capricho que matta e uma chimera que asphixia?

Espero pelo resultado do plesbicito da «Lagrima» para responder.

Porto, 21—3—94.

M. ARIO.

A rapariga não desgostava do padre. Quer dizer: o padre não era mau. Tinha bastantes roscas de pão leve; uns salchichões appetitosos no fumeiro; bacalhau que farte na dispensa...

Demais, eram vespuras de Paschoa, e a rapariga já não queria servir mais. Nada.

Por casa do padre comia-se bem, dormia-se menos mal, com a criadinha, etc, etc.

Mas o padre é marau. O mundo tem linguas e elle não está para as aturar.

Foi dan lo de mão á rapariga. Não a empurrou á força. Foi com geitinho. Ella, desesperada, porque percebeu que descahia, diz lá para os seus botões:

—Tambem te heide pregar uma pirraça.

E pregou. Foi ao fumeiro, e roubou o melhor salpicão.

O padre ao dar pela falta:

—O' Joanna: quem foi que levou o salpicão qu'alli falta?

—Eu num sei; só se foi a...aquella mocinha que por aqui vinha cada passo.

Perguntada, negou.

Mas consta que, em soliloquios consigo, diz:

—E' verdade. Escusa o padrecão de rabião. Fui eu que lhe bifei o salpicão.

REDACTORES POSTIÇOS:

A «Lagrima» só tem dous redactores. E chegam. Apinam meio mundo, com vontade e força para apearar o outro meio.

Mas ha uns sujeitos que se lembram ás vezes de dizer:

—Eu cá já mandei para a «Lagrima» isto e aquillo...

—Isto que vêm aqui é meu: foi escripto n'uma hora de bom humor.

Ora estes patetas nem tem humor, nem nada. O que podem ter é caspa no cabello, e sebô na gola do casaco.

A «Lagrima dispensa estes escriptores de borra.

Dois tapadissimos bichos, dois ignorantes chapados por quem a intelligencia passou em comboy expresso sem se apeiar nos seus cerebros, uns dandys de nova especie que se passeiam por ahi hirtos, tesos como eucalyptos, d'estes taes que se não podem vergar ao trabalho, que seria, depois da religião, um freio ás suas linguas do tamanho da legua da Povoia, fizeram n'outro dia espirito da humildade do nascimento d'alguns nossos amigos.

Estaes casagados por vós mesmos.

A ignorancia foi sempre muito atrevida!...

Não são, é verdade, taes rapazos grandes em nascimento, parentesco e educação;—porém, em character e conducta, são superiores a taes criticos.

Não tem estes tapadotes da costa um espelho em casa para verem o argueiro no seu olho?...

Do intellecto estão esses figurões definidos, por o que disseram; mas do physico, não. D'esse, ai que horror!...

Tem umas caras tão patusecas, tão ratonas, que eu só as encontro parecidas nos castões das bengalas e dos guardachuvias, antigos!... São das taes que até o proprio animal recua, assustado, diante d'ellas...

—Você, disse Epitecto a um grande orador romano, tem baixélas de prata, porém, razões, principios e appetitos de barro.

A LAGRIMA

Está mesmo esta carapuça a servir nas caboças obtuzas dos taes espirituosos.

Béranger não se envergonhava de dizer: «Sou plebeu e bem plebeu». Michelet, que fôra typographo, tambem dizia: «Nasci, como uma herba, sem sol, entre duas pedras das calçadas de Pariz».

Não se envergonhavam estes genios de dizer o seu humilde nascimento, porque viam que quasi todos os homens, que illuminavam os ramos de todas as sciencias, procediam das camadas mais infimas da sociedade. O homem que vê alguma coisa tambem hoje não repara n'isso, porque o caracter do individuo é que é tudo.

Mas em Barcellos, como em todas as terras onde não ha muito trabalho, ha muito quem pense que com o nascimento traz o individuo tudo que é bom.

Engano!

Ganhem vergonha, criticos, e depois appareçam-nos mesmo com as caras que têm. Os patacos safados passaram sempre...

Ganhem vergonha e callem-se. Senão vae sahir uma prociissão pandega...

Tapadotes, um freio...

Os nossos amigos Monte Carmo e Giestas foram ao Porto por occasião do quinentenario henriquino.

Viram o holophote de Sá da Bandeira projectar o seu fôco de luz branca na torre dos Clerigos, transformando-a n'uma columna de neve e a fonte luminosa ao cimo da rua de St.º Antonio.

Tudo que foi digno de ver-se, viram-no elles.

E as horas iam passando, passamente, serenamente, no meio de tanta festa, no meio de tanto goso.

Quando o Monte Carmo queria ouvir a musica do 6, já Giestas queria ouvir a do 20 e depois já queriam ambos ouvir a do 8

A noite ia já muito adiantada. Sirius já apparecia resplendente no azul da abobada, quando Giestas se lembra da cama.

Procuram-na; mas—nieles. Fiearam pois no tal hotel das estrellas em que ficou muita gente...

N'isto, no corredor... d'este hotel... um adro d'uma igreja, o Monte Carmo tropeça n'um homem que estava deitado juntamente com outros, e diz-lhe:

—Oh amigo, quanto custou esta cama fofinha... é na hospedaria?

—Custou o preço da sua...

E os nossos amigos ainda agora se riem da eloquente resposta do lavrador.

DE FERREIRO A MEDICO

Uns sobem, outros descem. Este subiu. Deixou o martello e a bigorna, aquelle ai de officina, onde as chispas do ferro vivo batido dançam uma cabriolagem de fogo, e agora passeia-se ao ar livre dos campos, gosando o puro oxigenio da vida campestre.

—Onde?

Em Villa Cova, na freguezia onde o valente do Rozendo ensina meninos, e, quando ha prociissão de Passos, leva o guião... O guião é cá na villa.

Ora, querem saber como se trepa tanto?

Este ferreiro foi para soldado. Era duro, tinha as mãos callejadas, por isso, mandaram-no, de cropatschet em punho, para o cordão, para Castro Laboreiro, a metter medo ao microbio. Do cordão foi impedido para o hospital. Occuparam-no em encher de palha os colchões dos doentes. O cheiro da palha, aquelle cheiro de môfo, já lhe lembrava a Medecina... De encher colchões passou a curar causticos e ficou no hospital, como enfermeiro, até acabar o tempo. Pouco tempo foi.

Veio para a terra, para Villa Cova.

—Pensam que voltou á forja de ferreiro?

Qual historia!

Mandou collocar á sua porta uma taboleta muito bem pintadinha, que diz assim:

POSTO MEDICO

E lá vae receitan lo causticos pelas freguezias, causticos e bichas, como quem sabe da historia...

De ferreiro a Medico...

Bem dizia Bocage que o outro morrera da cura...

«A BROGA»—O sr. Fernando Marinho, livreiro á rua das Flores, vae fazer nova tiragem do jornal «Broga» que se publicou com grande successo n'esta villa, em 1885.

Bem haja!

E' costume pôr-se nas vitrines dos estabelecimentos, para chamar a attenção do publico, retratos de cantores, de gymnastas; bonecos que devido a mechaismos fazem esgares muito comicos; photographias de vasos de guerra, como do Aquidaban, etc.

Um nosso amigo da Porta Nobre não macaqueou os velhos processos, e sabem o que faz?

Expõe todas as noites no seu estabelecimento dois animaes racionais que dão a ideia mais aproximada do typo dos trogloditas.

Um tem a cabeça phenomenal—que deve pesar duas arrobas. O outro é tão pequeno, tão boneco, que os visitantes põem-no na palma da mão com a mesma facilidade com que se pegan'uma garrafa de vinho.

A concorrência a vêr taes especimens tem sido

A LAGRIMA

extraordinária. As autoridades locais julgaram a principio que se tratava de alguma conspiração republicana, mas depois socegaram. Tudo tornou ao seu estado regular. O rio Cavado segue o seu curso até ao mar d'Espozende. Os moradores da Porta Nobre continuam a receber de manhã o bom sol de Deus, na barriga. E o sr. de Carvalho está no góso da sua importante saúde. Tudo ás mil maravilhas.

O tal espécimen, que tem a cabeça kilometrica, tem uma companheira não menos engraçada. Tem uma corporatura gigantea, medonha. Uff! Uff! Uff!

DOMINÓ ENCARNADO.

ALBUM DA «LAGRIMA»:

No mosteiro da Senhora das Necessidades, em Barqueiros, quem vai de Barcellos á Povoá, encontra-se o seguinte, em taboletas sarapintadas de milagres:

Um Grande Milagre que Fes N. Senhora das Necessidades, a Maria Antonia, da Freguesia da Pulia, do Logar, De Cri, Estando dezenegana e Descuparada De todo de Hum enfermidade de Parto e esta com grande a Flicão e aguniada com a Morte, Se a pegou com N. S, ell e todos os da casa, Foi a Senhora, Servida a dar-lhe saúde e logo seu parto eiza que como todos se devem apegar com a Sr.ª

M. que fez N. Sra. das Necessidades n estas duas irmas em as livrar de effeitos q nellas cunhou hum gande médo: feyto por illusam do Demonio.

Annuncio encontrado n'uma arvore do Campo da Feira:

quem faça-se hum guar da sol que fleou escuecido no partão du Jardim desta Villa de Nudia 22 e de Francisco Cardante da Fraguezia de São paio de Antes querendo entregalu vão A feira da pranta que lá aparçerá quem tome Couta

NOTAS DA QUINZENA

Dous factos salientaram a quinzena ultima.

O primeiro foi a mudança da estação telegrapho-postal.

O sr. Pires Lavado é o director do correio d'esta villa, e é um cavalheiro. Lavado na alma e nos sentimentos. Boa pessoa. Mas lembrou-lhe mudar a estação. Sim. Isto de estações, como no calendario ha quatro, tambem o sr. Pires Lavado entendeu que devia haver em Barcellos, para o correio, mais do que una. Em Lisboa está o correio a mudar d'estação cada passo. Na Povoá, na Carregoz, em Freixo d'Espada á cinta,

acontece o mesmo. Em Barcellos, para haver alguma novidade, tambem seria preciso isto. Porque, depois, o povo ia a S. Francisco procurar a correspondencia. E S. Francisco traçava os braços fazendo as «suas armas», e o povinho tinha de ir a outra parte buscar as cartas do correio...

Ora o sr. Pires Lavado bem lavou as ruas por onde o correio tinha de passar.

Mas a Camara e o povo levou tambem da «outra banda», e uns a puxar para aqui, e outros para alli, concentraram-se as forças, e o correio não sahio do seu logar!



Outro facto foi a estada aqui do Manoel da Graça. Conhecem esta desgraça, tão desgraçada que até já sahio de limpa escriptorio do «Intruzigente».

A proposito d'esta pilha dinheiro ao «Pedro dos jornaes», vamos publicar uns versos, inéditos, de J. Malheiro, offerecidos ao velhota por-ba sem fel. Sabem que o Manoel da Graça gosta de comer.

Um dia, para fazer jus a quem lhe alimentasse o estomago vazio, offereceu um paio... para a pandega.

Ora J. Malheiro que lhe conhecia a bossa e os fundos, fez-lhe os versos seguintes:

Se eu já não creio em Deus, como podia
Nas coisas d'este mundo acreditar?
Eu estava mesmo a ver. a advinhar
Que só na tua mente um paio havia.

Um paio do Alemtejo! Que alegria
Se elle em tua mão pudesse estar!
Fazia-te um soueto de rachar,
Que, então, negras melenas cantaria.

Mas enfim paciencia! é tudo assim...
Eu vou dar-te um conselho, meu rapaz:
Ao paio, que inventaste para mim

Da-lhe vida e calor, põe-lhe agua-raz,
E, em vez de pensares no teu Joaquim,
Assenta-te sobre elle, e dá-lhe paz.